

Vestígios romanos encontrados na Rua Mouzinho da Silveira – Porto

Carlos A. Brochado de Almeida*
Pedro Miguel D. Brochado de Almeida**

Abstract

In Oporto city, Mouzinho da Silveira Street runs in a parallel tracing to the course of Vila River, at the western base of «Morro da Sé». There was found an Iron Age village with vestiges excessively registered. During this archaeological intervention it appeared remains belonging to a Low Empire construction and also High Empire's ceramics, along with others belonging to the High Middle Age. Above them, since the XVIIth century, other occupations were recorded. The roman remains are chronological similar to those already known from «Casa do Infante», Ribeira Square and D. Hugo Street.

1. INTRODUÇÃO

A construção da Rua Mouzinho da Silveira veio alterar significativamente, não só a paisagem urbana do Porto do século XIX, mas também os trajectos usados pelos portuenses entre a zona ribeirinha e a parte alta da cidade. A linearidade do seu traçado contrasta com a irregularidade da maioria dos arruamentos adjacentes que, por força das condições impostas pela topografia, meandram de casario em casario até desembocar numa outra rua igualmente sinuosa.

A ligação entre a parte alta e baixa da cidade era, desde a Idade Média até aos finais do terceiro quartel do século XIX, assegurada por uma multiplicidade de ruas, entre as quais se encontravam a Rua da Biquinha e a Rua da Congosta. Esta última, já no século XIV, era uma via estruturada e de assumida importância para a economia da cidade (SOUSA, 1994, 143). O Porto, sendo uma cidade de mesteres profundamente enraizados e protegidos, estruturou a sua vida económica, por ramos de actividade, ao longo das suas principais vias de comunicação. A Rua da Congosta era ocupada por sapateiros, cuja importância, capacidade financeira e prestígio social permitiu-lhes assumir os destinos do Hospital dos Palmeiros¹ (SILVA, 1994b, 297). O projecto para a construção da Rua Mouzinho da Silveira implicou um

* Professor Auxiliar da FLUP.

** Arqueólogo do Gabinete de Arqueologia da C.M. Vila do Conde.

¹ Este localizava-se ao cimo da Rua da Congosta, junto à Ponte de S. Domingos, tendo sido erguido em 1307 pelos irmãos Martim Vicente Barreiros e João Anes Palmeiro. Foi destruído, em 1877, pela construção da Rua Mouzinho da Silveira.

arranjo urbanístico que contemplou a destruição das ruas da Congosta e da Biquinha (SERÉN e PEREIRA, 1994, 501; FREITAS, 1999, 245).

O novo arruamento obrigou, também, à destruição de muitos edifícios que, em alguns casos, haviam sido recentemente edificadas. É o caso, por exemplo, de algumas casas construídas em redor da Praça de S. Roque que haviam sido, cerca de um século antes, edificadas segundo os ditames de João de Almada e Melo (FREITAS, 1999, 245).

As implicações resultantes da abertura daquele via estruturante fizeram-se sentir, também, ao nível da hidrografia daquela área.

O Rio da Vila, que até aos inícios da segunda metade do século XVIII ainda corria – desde a “Porta dos Carros” até ao Rio Douro² – a céu aberto, foi alvo de um processo de encanamento. Os motivos que presidiram à sua entubação, naquele zona da cidade, encontram-se umbilicalmente ligados com a necessidade de construir a Rua Mouzinho da Silveira. A cidade do Porto que se desenvolveu junto às suas margens habituou-se, desde cedo, a descarregar para o seu leito todas as águas sujas geradas pelos seus habitantes (SILVA, 1994b, 263; SOUSA, 1994, 146; SERÉN e PEREIRA, 1994, 501). Esta situação, como facilmente será inteligível, transformou aquela linha de água num caso grave de atentado à saúde pública, só solucionável com a sua entubação.

A ocultação, por enterramento, do Rio da Vila promoveu a destruição das azenhas que, apoiadas nas suas margens, aproveitavam o pendor do terreno e a força das suas águas para a moagem. Estas azenhas ainda se encontravam activas no século XVII. A destruição estendeu-se, de igual modo, a todas as pequenas pontes que ligavam ambas as margens do Rio da Vila que, agora, deixavam de ser necessárias. Entre os atravessamentos desmantelados é possível arrolar a ponte de pedra que ligava as ruas da Bainharia e das Flores (SILVA, 1994b, 259).

A Câmara Municipal do Porto aprovou, em 17 de Junho de 1875, o projecto delineado por Luís António Nogueira em 1872, da construção de um novo arruamento, a que se viria atribuir o nome de Mouzinho da Silveira. O projecto aprovado previa a construção de uma via linear, ao contrário das suas confinantes, que estabelecia, numa primeira fase, a ligação entre o convento de S. Bento de Ave-Maria³ e a Rua de S. João (FREITAS, 1999, 245), cujo alargamento havia sido iniciado em 1765 (AHMP, Obras Públicas, n.º 2301, fl. 20; ALVES, 1988, 211) e terminado em 1788 (CARVALHO, GUIMARÃES e BARROCA, 1996, 44). A ediliidade reconheceu, de igual modo, as vantagens inegáveis de se proceder ao prolongamento do novo arruamento até à Rua Nova dos Ingleses (FREITAS, 1999, 245).

O estudo sério e exaustivo da construção da Rua Mouzinho da Silveira, caso se queira fazê-lo aturadamente, não deverá ser analisado separadamente de todo um conjunto de obras que beneficiaram algumas áreas adjacentes à sua implantação. Entre elas encontra-se a Praça do Infante D. Henrique, datável de 1885 ou o mercado da fruta – Mercado Ferreira Borges⁴ – aberto ao público em 1888 (SERÉN e PEREIRA, 1994, 386).

A habitação n.º 56 da rua Mouzinho da Silveira, que se localiza no troço balizado pelas ruas Nova dos Ingleses e São João, é um imóvel de planta rectangular onde se incrustou uma

² Em 29 de Abril de 1766 foi arrematada a obra de construção das paredes laterais do encanamento do Rio da Vila entre S. Crispim e a Rua Nova (AHMP, Arrematações, Livro 4, 15v-17). A abóbada deste encanamento foi arrematada em 7 de Novembro de 1766 (AHMP, Arrematações, Livro 4, fls. 22-22v). Em 1768 foi executado o encanamento do Rio da Vila entre a Rua Nova e a Praça da Ribeira (AHMP, Arrematações, Livro 4, fl. 35v-36v) (ALVES, 1988, p. 211-212).

³ Hoje transformado na estação de comboios de S. Bento.

⁴ Este mercado é uma cópia, em tamanho condizente com as possibilidades económicas de Portugal, do mercado do trigo de Paris.

fachada atribuível aos finais do século XIX ou inícios do século XX (Fig. 1). Esta, como desenvolveremos mais adiante, parece ser a face mais recente de um edifício mais antigo que terá conhecido algum dos arruamentos destruídos pela abertura da Rua Mouzinho da Silveira.

Na sua fachada actual percebe-se a existência de um rés-do-chão, servido por duas portas com dimensões simétricas e de dois andares superiores. No primeiro andar foram rasgadas duas janelas com moldura granítica protegidas por gradeamentos em ferro fundido. No lintel de ambas das janelas foram talhadas mísulas para sustentação da sacada do segundo andar. Esta, resguardada por um corrimão em ferro forjado, é servida por duas portas/janelas.

2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A intervenção arqueológica realizada no interior desta casa constou de duas valas de sondagem. Ambas foram abertas na única divisão existente no rés-do-chão do edifício, sendo delimitadas, a Norte e a Sul, pelas paredes laterais do edifício. A Vala1, que mede 5,60m de comprimento por 2m de largura, foi implantada nas imediações da parede traseira do imóvel. Já a segunda, que ocupou uma área muito próxima da fachada do edifício, possui 4,80m de comprimento por 2m de largura.

2.1. A estratigrafia

Vala 1 (Fig. 2.1 e 2.2)

Estrato 1 – Camada de enchimento da vala de fundação para colocação de tubos em pvc para saneamento. Cimento de cor cinzenta. Encontra-se apenas na zona sudeste da vala.

Estrato 2 – Piso que selou a vala de fundação para colocação de tubos para saneamento. Cimento.

Estrato 3a – Camada de enchimento da vala de fundação de tubos para saneamento. Terra heterogénea, de cor amarelada, misturada com cascalho de granito e restos de materiais de construção (telhas, tijolos e grés).

Estrato 3b – Camada que envolve os tubos para saneamento. Cimento.

Estrato 4 – Piso. Cimento de cor cinzenta assente numa camada de cascalho de granito.

Estrato 5 – Camada de enchimento da vala de fundação de um tubo em grés para saneamento. Terra homogénea de cor castanho escuro.

Estrato 6 – Camada de entulho. Terra heterogénea, areada e saibrosa, de cor castanho claro.

Estrato 7 – Camada de entulho. Terra homogénea, castanho escuro que corta o piso em barro e sela a estrutura trapezoidal.

Estrato 8 – Camada de enchimento da vala de fundação do M1. Barro vermelho alaranjado bastante compacto.

Estrato 9 – Camada de entulho. Terra heterogénea, de cor castanho acizentado com pedras.

Estrato 10 – Camada de entulho. Terra heterogénea, de cor castanho acizentado, com muitas pedras de vários tamanhos e restos de materiais de construção (tijoleira em barro, telhas de meia cana, restos de argamassa de barro castanho).

Estrato 11 – Camada de destruição da estrutura composta pelos M4, M5 e M6. Terra heterogénea, de cor castanho claro, com muitas pedras de vários portes.

Estrato 12 – Camada de abandono. Terra homogénea de cor cinzenta.

Estrato 13 – Piso. Lajeado granítico.

Estrato 14 – Camada de enchimento da vala de fundação do M4. Terra heterogénea, areada, de cor cinzento acastanhado.

Estrato 15 – Camada de entulho. Saibro amarelado misturado com restos de pedra granítica de vários portes.

Estrato 16 – Camada de entulho. Saibro amarelo acimentado misturado com pedras graníticas de várias dimensões.

Estrato 17 – Camada de entulho. Saibro de cor amarelada com nódulos de terra cinzenta.

Estrato 18 – Terreno natural. Saibro compacto de cor amarelada.

Vala 2 (Fig. 3.1 e 3.2)

Estrato 1 – Piso que selou a vala de fundação para colocação de tubos para saneamento. Cimento.

Estrato 2a – Camada de enchimento da vala de fundação de tubos para saneamento. Terra heterogénea, de cor amarelada, misturada com cascalho de granito e restos de materiais de construção (telhas, tijolos e grés).

Estrato 2b – Camada que envolve os tubos para saneamento. Cimento.

Estrato 3 – Piso. Cimento de cor cinzenta assente numa camada de cascalho de granito.

Estrato 4a – Camada de enchimento da vala de fundação de um tubo de grés para saneamento. Terra heterogénea de cor castanho acimentado.

Estrato 4b – Camada de enchimento da vala de fundação de um tubo de grés para saneamento. Terra homogénea de cor castanho escuro.

Estrato 4c – Camada de enchimento da vala de fundação de um tubo de grés para saneamento. Saibro amarelo claro.

Estrato 4d – Camada de enchimento da vala de fundação de um tubo de grés para saneamento. Terra homogénea de cor castanho escuro.

Estrato 5 – Camada de entulho. Terra heterogénea, areada e saibrosa, de cor castanho claro com gravilha.

Estrato 6 – Camada de entulho. Terra heterogénea, de cor cinzenta, com muitas pedras de vários portes.

Estrato 7 – Camada de enchimento da vala de fundação do M7. Terra heterogénea, de cor amarelada com restos de saibro.

Estrato 8 – Camada de entulho. Terra homogénea, de cor cinzenta misturada com restos de telhas de meia cana.

Estrato 9 – Camada de entulho. Terra homogénea de cor castanho escuro.

Estrato 10 – Camada de enchimento da vala de fundação do M1 e do M2. Terra heterogénea, de cor castanha misturada com restos de saibro e materiais de construção (tijoleira em barro, telhas de meia cana, restos de argamassa de barro castanho).

Estrato 11 – Camada de abandono. Terra homogénea, de cor cinzento, com restos de materiais de construção.

Estrato 12 – Camada de ocupação. Terra homogénea de cor cinzento escuro.

Estrato 13 – Piso. Barro vermelho bastante compacto, já fragmentado em vários locais.

Estrato 14 – Camada de nivelamento para assentamento do piso. Terra homogénea de cor castanho claro, com restos de materiais de construção.

Estrato 15 – Camada de entulho. Barro de cor vermelho alaranjado.

Estrato 16 – Camada de entulho. Terra heterogénea de cor castanho aczentado.

Estrato 17 – Camada de entulho. Terra saibrosa de cor amarelado.

Estrato 18 – Camada de enchimento da vala de fundação do M8. Terra homogénea de cor castanha, com restos de materiais de construção.

Estrato 19 – Camada de entulho. Terra homogénea de cor cinzenta.

Estrato 20 – Deposição natural. Terra barrenta de cor cinzenta.

Estrato 21 – Terreno natural. Saibro compacto, amarelado.

2.2. Análise estratigráfica

O dado estratigráfico mais antigo, cuja deposição se tenha ficado a dever à acção humana, recolhido em ambas as sondagens, remonta ao período tardo-romano (estrato 18 da Vala 2). Aquela camada arqueológica corresponderá ao enchimento da vala de fundação para o M8 (Fig. 3.1) que, à imagem da técnica construtiva romana e ou tardo-romana, foi erguido à custa de silhares graníticos com aparelho e forma regular disposto em fiadas isódomas. Sob estes estratos encontram-se camadas de deposição natural (estrato 17 da Vala 1; estrato 20 da Vala 2) e o próprio terreno geológico (estrato 18 da Vala 1 e estrato 21 da Vala 2).

Segue-se um conjunto de estratos (estrato 15, 16 e 17 da Vala 2) cuja funcionalidade estará ligada à necessidade de entulhar e altear a cota do terreno exterior à estrutura servida pelo M8. A mesma necessidade foi, por nós, notada na sua área interna já que, a selar a camada de enchimento da vala de fundação do M8 (estrato 18 da Vala 2), detectámos a presença de um estrato de entulho (estrato 14 da Vala 2) que antecede o piso de circulação (estrato 13 da Vala 2).

O referido piso (estrato 13 da Vala 2), que foi detectado em muito mau estado de conservação, terá funcionado articuladamente com o M8 partilhando, por isso, a sua cronologia: período tardo-romano. Este não será o piso primitivo daquela construção até porque, através da análise da cerâmica que lhe está associada, foi possível perceber que a sua cronologia oscila entre o fim da época romana e a parte inicial da Alta Idade Média. Sobre ele foi encontrada uma camada de ocupação correspondente ao último período da sua utilização (estrato 12 da Vala 2).

A estratigrafia presente no interior da habitação n.º 56 da Rua Mouzinho da Silveira não nos autoriza afirmar que aí existiu uma ocupação humana contínua. A presença humana naquele espaço ter-se-á desvanecido no início da Alta Idade Média. O abandono daquela área ficou registada na estratigrafia sob a forma de camadas de entulho que aí foi sendo depositado com o passar dos anos (estrato 15 e 16 da Vala 1 e estrato 11 da Vala 2). Nenhuma destas camadas se encontra, aparentemente, relacionada com estruturas ou vestígios de época romana.

A reocupação daquele espaço, durante o século XVII, ter-se-á dado com a abertura da vala de fundação (estrato 14 da Vala 1) para construção de uma estrutura pétreia que terá cumprido a função de tanque. Este é composto pelos M4, M5 e M6 que funcionaram articuladamente com um lajeado granítico (estrato 13 da Vala 2) (Fig. 2.1).

Estamos certos que corremos um certo risco ao afirmarmos, sem provas mais concludentes, que aquela estrutura cumpriu a função de tanque. Em favor desta funcionalidade destacamos alguns dados arqueológicos e estruturais que nos parecem importantes.

O primeiro prende-se com a reduzida profundidade dos seus alicerces. Não parece viável que um edifício assentasse as suas fundações tão próximas do seu piso de circulação⁵, contribuindo deste modo para a sua instabilidade. Paralelamente, a base dos seus caboucos repousam sobre camadas estratigráficas (estratos 15 e 16 da Vala 1) muito pouco compactadas e também elas, instáveis. Estamos certos, portanto, que estes muros não podiam ter pertencido a uma habitação, mesmo que térrea, porque os seus alicerces não terão sido desenvolvidos para suportar grandes cargas. Depois ainda há a estrutura da própria parede com uma só fiada de pedras e uma face bem aparelhada e alinhada, nada condizente com uma simples e funcional parede.

O segundo motivo aproveita-se das reduzidas dimensões disponibilizadas no interior da estrutura para justificar a nossa opção interpretativa. Os 140cm que medeiam entre o M4 e o M6 não são suficientes para dar forma a um compartimento. A área disponibilizada é de tal modo reduzido que desautoriza qualquer tentativa de lhe conferir alguma funcionalidade. Uma análise mais exaustiva desta estrutura poderia colocar a hipótese de encontrarmo-nos perante um corredor. Mas, mesmo esta possibilidade parece inviabilizada porque, para o ser, teria que estabelecer comunicação com algum compartimento adjacente. Tal, contudo, não acontece porque não existe nenhuma porta a rasgar alguma das suas paredes (M4, M5 ou M6).

O terceiro motivo encontra-se umbilicalmente ligado à argamassa⁶ que, agarrada aos cantos da estrutura e aos interstícios das pedras do lajeado, forneceria a necessária impermeabilização exigida por um tanque. Deste modo ficava assegurado que o líquido contido não vazaria para o seu exterior.

Sobre o lajeado do possível tanque (estrato 13 da Vala 1) fomos encontrar uma camada de terra que aparenta ser um estrato (estrato 12 da Vala 1) ligado ao seu abandono. A situação de degradação do tanque e da sua área envolvente terá atingido uma situação tal que terá, inclusivamente, decretado a sua desmantelação (estrato 11 da Vala 1). A imagem de destruição do tanque parece ter ficado imóvel no estrato 11 da Vala 1, só existente no seu interior, encontrando-se aí muita pedra razoavelmente aparelhada, em tudo semelhante às que, ainda, dão forma ao tanque. O facto daquele estrato só existir no interior do tanque, aliado à deposição desordenada da terra e das pedras, parece atestar a hipótese de estarmos perante a camada correspondente à sua destruição.

O espaço agora intervencionado, no decurso do século XVIII, terá recebido uma nova funcionalidade quando, sob ele, assentaram os alicerces da primeira fase da habitação agora intervencionada. Esta casa, pela sua antiguidade, poderá ter conhecido o arruamento que antecedeu a construção da Rua Mouzinho da Silveira. Esta via de circulação só foi concretizada no decurso da segunda metade do século XIX, em data muito posterior à edificação desta habitação.

A sua construção não deverá ser tida como a causa do abandono e do tanque. Este já se encontrava, há muito, inoperante como o comprovam os vários estratos de entulho que ocultaram por completo (estrato 9 e 10 da Vala 1) e que se encontram cortados pela vala de

⁵ A distância entre a base do alicerce e a superfície de circulação ronda os 16cm.

⁶ Esta camada não foi contabilizada durante a intervenção arqueológica por só ter sido detectada após a sua conclusão.

fundação dos muros da habitação (estrato 8 da Vala 1 e estrato 10 da Vala 2). Deverá ser, sem embargo, responsabilizado pela destruição parcial da face exterior este do tanque já que a construção do M3 provocou o seu desmantelamento.

O novo imóvel seria muito diferente daquele que hoje podemos observar, embora a sua implantação no terreno seja bastante semelhante. A planta mais antiga, apesar de usar as mesmas paredes laterais (M1 e M2), seria mais curta que a actual, não existindo coincidência entre as suas fachadas e retaguardas.

A face primitiva da habitação encontrar-se-ia nas imediações do espaço actualmente ocupado pela escada de acesso aos andares superiores. Aí, em ambas as paredes laterais, é possível encontrar costuras que, certamente, corresponderão ao local onde encaixaria a fachada primitiva. A localização da parede dos fundos (M3), por ter sido encontrada durante a abertura de uma das valas de sondagem, é facilmente localizável porque a sua face interna corresponde ao perfil este da Vala 1.

A abertura das valas de fundação para a construção do M1, M2 e M3 (estrato 8 da Vala 1 e estrato 10 da Vala 2) foi precedida pela deposição de um conjunto de terras cuja função seria a de entulhar o interior do edifício (estratos 7 da Vala 1 e 8 e 9 da Vala 2), reforçando a estabilidade dos seus alicerces.

Sabe-se, também, que a disposição e aproveitamento espacial do r/c do imóvel mais antigo seria diferente daquilo que hoje podemos observar. A estrutura actual alberga no seu interior, ao nível do andar térreo, um único compartimento cuja simplicidade e monotonia é quebrada por colunas centrais em ferro, para suporte dos andares superiores e por uma escada de acesso ao primeiro andar. A habitação mais antiga, pelo contrário, teria divisões internas como o comprova a presença de um muro (M7), paralelo às suas paredes laterais (M1 e M2), que daria forma um corredor de abastecimento a diversos compartimentos.

Os alicerces do M7, provavelmente por ter sido uma parede interior concebida para suportar pequenas cargas, são pouco profundos, embora a sua vala de fundação (estrato 7 da Vala 2) assente directamente sobre o M8. Esta sobreposição, embora totalmente ocasional, terá limitado a necessidade de abrir uma vala de fundação mais profunda para fazer repousar os alicerces do M7 em terreno firme.

A presente intervenção arqueológica não foi capaz de encontrar nenhum vestígio do piso que terá funcionado com a fase primitiva do edifício. Este terá sido destruído e os seus vestígios diluídos no contexto estratigráfico, quando se procedeu a reformulações posteriores. A sua presença só pode ser documentada por processos de dedução lógica, já que qualquer edifício possui uma superfície de circulação. Esta, não sendo encontrada durante a intervenção arqueológica, só poderá ter sido totalmente desmantelada sem deixar marcas da sua presença.

A destruição do piso de circulação marcará uma nova fase da vida daquele edifício. Na nossa opinião, este momento será contemporâneo, ou ligeiramente posterior, à construção da Rua Mouzinho da Silveira na segunda metade do século XIX.

O projecto era ambicioso: construir um arruamento rectilíneo em plena malha urbana do Porto, caracterizada – ainda hoje – pela sinuosidade das suas ruas. A concretização de tamanho projecto impunha a regularização e alargamento de ruas pré-existentes, a da Biquinha e da Congosta, destruindo todas as habitações que ultrapassassem a linha recta definida pelo intradorso do passeio. Se nalguns casos assistiu-se ao recuo da fachada de alguns edifícios, outros houve em que aquela foi obrigada a avançar alguns metros para se abeirar do passeio

do novo arruamento. É neste grupo que, supomos, deve ser enquadrado o n.º 56 da Rua Mouzinho da Silveira.

Mas onde correria a via destruída?

Não somos capazes de fazer uma reconstituição total do seu traçado mas, caso a nossa argumentação possua algum fundo de verdade, será provável que ainda se possam encontrar alguns dos seus vestígios no interior da habitação agora intervencionada, junto à face exterior da fachada da primeira fase construtiva do imóvel, agora intervencionado arqueologicamente.

As habitações erguidas na margem oposta do arruamento mais antigo foram integralmente desmanteladas, não só pela nova via de comunicação⁷, mas também pela necessidade de, naquele local, erguer um novo mercado da fruta – Mercado Ferreira Borges.

A construção da Rua Mouzinho da Silveira terá, então, obrigado ao reposicionamento de todas as habitações que, embora tivessem escapado à destruição, se encontravam demasiado afastadas da face do referido arruamento. Este processo de abordagem terá sido um esforço descontínuo no tempo e no espaço. Algumas habitações terão sido reformulados mais rapidamente do que outras. É perante a percepção desta possibilidade que defendemos uma cronologia tão ampla, balizada entre a segunda metade do século XIX e inícios do século XX, para a reforma realizada no n.º 56 da Rua Mouzinho da Silveira.

As obras de remodelação e requalificação do edifício obrigaram à demolição da fachada primitiva do edifício e ao consequente alongamento em ambos os sentidos, dos M1 e M2. A eles foram acoplados dois novos muros: um serve de fachada enquanto o outro de retaguarda, que designamos de M9 e M10.

Terminada a construção dos caboucos do novo edifício, dos quais não existe registo arqueológicos devido à localização das valas de sondagem, tornou-se necessário entulhar o interior da casa por forma a consolidar as paredes. Assim se explica a presença de camadas de entulho (estrato 6 da Vala 1; estratos 5 e 6 da Vala 2) que selaram a camada de enchimento do M7 (estrato 7 da Vala 2). Sobre aquelas camadas funcionaria um piso de circulação, que não o actual, que a estratigrafia também não preservou. Não somos capazes de conceber que o piso em cimento, o único conservado que funciona articuladamente com os M1, M2, M9 e M10, possa ser o chão primitivo da segunda fase de funcionamento do referido edifício (séculos XIX ou XX).

Mais tarde, algures nos inícios da segunda metade do século XX, o imóvel foi dotado de uma rede de saneamento básico que permitia expelir as águas sujas produzidas no seu interior. Estas obras de beneficiação implicaram a abertura de uma vala para a sua instalação que viria a danificar o piso primitivo da segunda fase ocupacional do n.º 56 da Rua Mouzinho da Silveira, aquele que não foi preservado na estratigrafia. A colocação do tubo de grés do saneamento terá sido o pretexto para renovação do espaço de circulação. A vala de fundação, depois de fechada (estrato 5 da Vala 1 e estratos 4a, 4b, 4c e 4d da Vala 2), foi coberto por uma camada de cimento (estrato 4 da Vala 1; estrato 3 da Vala 2) que passou a funcionar como piso do rés-do-chão da habitação.

Este piso manteve-se em funcionamento até aos dias de hoje embora tenha sido rasgado, já na parte final do século XX, para colocação de novo saneamento. O tubo em grés terá perdido a sua eficácia, pelo que foi substituído por uma nova canalização em pvc. O piso, depois da vala de fundação para a canalização em pvc ter sido selada por um caixão em

⁷ A Rua Mouzinho da Silveira foi projectada para ter uma largura de 19m.

cimento (estrato 3b da Vala 1; estrato 2b da Vala 2) e por uma camada de terra (estrato 3a da Vala 1; 2a da Vala 2), voltou a ser reposto (estrato 2 da Vala 1; estrato 1 da Vala 2).

Por fim faltará referir que, já no decurso do presente ano, foi aberta uma outra vala para a colocação de mais um tubo em pvc. Para o efeito foi necessário partir, mais uma vez, o piso para a sua colocação. Logo depois, a vala foi disfarçada e o piso reposto pela colocação de uma nova camada de cimento (estrato 1 da Vala 2).

3. ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Nas duas valas abertas neste espaço recolheu-se um razoável lote de cerâmicas, alguns vidros e materiais de construção, este genericamente de época romana. Em termos percentuais foi a Vala 2 quem forneceu mais material para estudo. Foram contabilizados 410 fragmentos, distribuídos por materiais de construção, louça preta, louça vermelha com vidrado de chumbo, louça vermelha não vidrada, faiança e cerâmica de origem e produção romana e tardo-romana. A Vala 1 ficou-se por 276 fragmentos, mas se excluirmos as cerâmicas atribuídas ao mundo romano, todos os demais grupos acima referidos também ali estão patentes.

Vala 1

Na profusão de camadas estratigráficas da Vala 1, nada mais do que 17, pois a seguinte já é solo geológico, somente os estratos 1, 7, 9, 10, 14 e 15 forneceram espólio arqueológico. As camadas 9 e 10 pertencem a um ambiente cronológico anterior ao alicerce do edifício actual, que tem na camada 8 a sua vala de fundação, enquanto a 7 está relacionado com um entulhamento que selou a dita vala de fundação, motivo para possuir materiais de várias épocas e estilos. As outras duas camadas cumpriram as funções de entulho, estrato 15 e de vala de fundação do tanque (M4, M5 e M6).

As diferenças cronológicas entre os materiais das camadas mais recentes e as mais antigas são ténues, mas algumas há. Nas camadas mais recentes há um ou outro fragmento que atesta uma filiação setecentista, enquanto nas duas mais antigas a presença de materiais cerâmicos datáveis da parte final do séc. XVII é um facto, podendo mesmo recuar ao XVI, caso tenhamos como segura a cronologia de uma botija de grés que a bibliografia da especialidade considera como produto situável entre meados do séc. XVI e a centúria seguinte.

Nos 41 fragmentos recolhidos na camada 7 alguns há que merecem uma análise mais demorada.

Se nos abstrairmos de fragmentos de imbrex, que fornecem escassos indicadores cronológicos, diremos que somente foi recolhido 1 fragmento de uma panela de louça preta. Os restantes distribuem-se entre os vidrados de chumbo, a louça vermelha não vidrada e a faiança.

Nos vidrados de chumbo destacamos o bordo de um alguidar com um vidrado interno verde escuro. Os restantes, fundos e bordos estão cobertos por um vidrado laranja numa tonalidade que oscila entre o castanho alaranjado e o castanho avermelhado. Na louça de pastas avermelhadas não vidrada destacamos as produções oriundas da região Ovar/Aveiro com cântaros profusamente decorados com brunidos horizontais e reticulados, alguidares de superfícies alisadas, mas cujas pastas são muito bem cozidas e as típicas tigelas com e sem carena, genericamente atribuídas às olarias da região de Ovar. O grupo menor é o da faiança,

pois foram somente 3 os fragmentos recolhidos, mas a pasta rósea, as paredes espessas, o esmalte brilhante mas lascante, associado a decorações a azul e ou vinoso em bandas concêntricas e rendas, colocam-nas, com uma certa margem de segurança, entre as produções atribuídas às faianças portuguesas da 2.^a metade do século XVII.

As camadas 9 e 10 são as únicas que foram cortadas, certamente, para assentamento do alicerce do edifício actual o qual se apoia num penedo, também ele, anteriormente talhado. Em termos gerais a situação já descrita repete-se aqui: materiais e cronologias são, pode dizer-se, os mesmos.

Na camada 9 recolheram-se 32 fragmentos, dos quais 1 é de imbrex, 3 de tégula – assim se notam as misturas numa aparente homogeneidade – 5 de faiança, 3 de louça preta e os restantes distribuem-se, quase que equitativamente, entre os vidrados de chumbo e as pastas vermelhas não vidradas.

A louça preta continua insignificante quanto à quantidade e ao tipo. Sabemos que os fragmentos resgatados, pertencentes a vasilhas que iam ao lume, reduzem-se aos referidos 3 fragmentos. A faiança repete, nas pastas, nos esmaltes e nas decorações, as situações descritas para a camada 7. O mesmo pode dizer-se das louças vermelhas não vidradas. Neste grupo estão presentes as tigelas da região de Ovar, os fragmentos de cântaro com a superfície exterior brunida, sendo a novidade a presença de pastas mais grosseiras patentes em grande vasos de fundo plano e paredes quase verticais e outras cujo cerne é tendencialmente cinzento. No tocante às formas continuam a marcar presença as tigelas com e sem carena, os cântaros, os alguidares e os grandes vasos cujo perfil do fundo se assemelha aos vasos de flores.

No conjunto dos vidrados de chumbo, embora a primazia vá para os de tonalidade melada, não podemos ignorar os de cor monocromática, caso do verde carregado e verde alface. O grupo completa-se com um conjunto que procurou fazer a simbiose entre o verde claro e o alaranjado. Quanto às formas são os alguidares que, a par da caçoila, fazem as honras do estrato.

A camada 10 repete, praticamente em tudo, a anterior com a ressalva que, agora, são as faianças que predominam. Com 30 fragmentos, num total de 52, é notória a percentagem favorável, mas mais importante são algumas das peças recolhidas, nomeadamente uma malga e um prato – não sabemos se faziam conjunto – que têm a especificidade de ter um monograma (Fig. 4.7). A pasta é rósea, o esmalte é brilhante e até bastante uniforme, mas interessante é a decoração. Em ambos os casos o monograma aparece claramente no interior de um escudo exteriormente decorado com elementos vegetalistas.

A decoração a azul e vinoso aparece a preencher o centro da malga e o côvo do prato. No caso da malga as letras que se conservam – ARI / NA – dispostas em duas linhas sobrepostas, não permitem qualquer reconstituição. O mesmo já não se pode dizer do prato onde, também em duas linhas sobrepostas, se lê claramente o nome “PED(ro)/DA CRUS”.

Completa o conjunto de faianças uma série de fragmentos nos quais é possível descortinar produções decoradas com arabescos a azul vinoso atribuídas à fábrica Brioso de Coimbra e outros, somente, com decoração floral a azul, destacando-se um com as típicas “rendas”.

Na restante produção são os vidrados de chumbo que marcam a sua presença, pois tanto a louça preta como a louça vermelha não vidrada são residuais. Nos vidrados de chumbo continuam patentes os alguidares, as caçoilas e, agora, uma sertã coberta somente internamente, com um vidrado cuja tonalidade varia entre o verde escuro e o melado, sem esquecer o policromado onde o verde, o laranja e o castanho se misturam em doses raramente

equilibradas. Esta camada, a acreditar nos dados fornecidos pelos vestígios cerâmicos, deverá ser enquadrada na 2.^a metade do século XVII e os primeiros anos do século XVIII.

Camadas anteriores à construção do tanque (M4, M5 e M6) são a 14 e 15. Da camada 14 foram recolhidos somente 11 fragmentos, 3 dos quais são de imbrex. Toda a louça aqui presente – faiança e vermelha não vidrada – é semelhante em estilo e cronologia à anteriormente descrita. Bom exemplo é a parte superior de um fogareiro provido de asas laterais (Fig. 4.8). A novidade vem de 2 fragmentos de uma botija em grés onde, no seu bojo, é possível ler-se “[...] ND F [...] / [A]MSTERDAM”. Se estamos perante uma produção renana ou afim, então, não nos restam dúvidas que a cronologia para este estrato terá de oscilar entre o século XVI, período normalmente atribuído a estas produções e a 2.^a metade do século XVII, período em que se situa a grande maioria das cerâmicas recolhidas neste estrato arqueológico.

Na camada 15 recolhemos nada mais do que 138 fragmentos ou, mais precisamente, 50% do total analisado nesta vala. Neste estrato, tal como nos anteriores, há a registar alguns fragmentos de imbrex, alguns – poucos – de louça preta com as paredes exteriores repletas de fuligem e mesmo uma pedra de granito, de formato circular e faces bem polidas, cujo alcance e funcionalidade desconhecemos. Se nos alhearmos destes elementos, são as faianças, as louças com vidrado de chumbo e as de pasta vermelha não vidrada que marcam o panorama cerâmico deste estrato.

As faianças aqui detectadas em nada alteram aquilo que já sabíamos das camadas anteriores. Continuam presentes as pastas róseas cobertas com esmaltes brancos muito fracturados e pintados a azul com motivos vegetalistas e florais. Entre as várias formas identificamos pratos com profusa decoração floral (Fig. 5.6), uma tigela com pasta e esmalte típico das malegueiras e um bordo de um possível bispote com o esmalte a cobrir, somente, a parte interna decorada, ao nível do lábio, com três linhas concêntricas.

A louça coberta com vidrado de chumbo continua aqui bem representada através de formas bem características, como são os alguidares e as caçoilas. Os alguidares aparecem, sobretudo internamente, cobertos com vidrados de cor verde escuro, enquanto nas caçoilas são os vidrados de tons melados com pigmentação acastanhada que pontificam (Fig. 4.6 e 5.8). Apesar desta uniformidade há fragmentos de outras formas, umas das quais nos parece ser o fundo de um porão e de uma sertã cujos vidrados oscilam entre o castanho alaranjado, o laranja e os tons de verde acastanhado.

Por último, o grupo que também é o mais numeroso, é o das pastas vermelhas, alisadas ou brunidas, sem qualquer tipo de vidrado e que normalmente são atribuídas às olarias de Ovar e região de Aveiro. Entre a mais de meia centena de fragmentos recolhidos, a grande maioria pertence a cântaros com as paredes brunidas, vertical e reticulados na parte da pança. Para além deste tipo de decoração há ainda um outro tipo, gravado incisivamente com linhas dispostas em meandros. Aos cântaros deveremos juntar as tigelas, representadas através de bordos e fundos côncavos e face interna englobada, genericamente atribuídas a Ovar (Fig. 4.4). Devemos, ainda, referir um outro tipo de grande vaso, certamente também um cântaro, com o gargalo exteriormente moldurado e decorado com incisões que lembram um serrilhado aliado a uma série de círculos impressos (Fig. 6.2). A este tipo de cerâmica, de pasta bem vermelha e de óptima cozedura, haverá que juntar um outro tipo de produto, de pasta mais grosseira, cujas formas recolhidas são de fundos de grandes vasos e de um bordo com orifícios vários, os quais aliados a alguma fuligem faz supor estarmos perante um assador de castanhas. São, ao que parece, produções oriundas da região de Aveiro.

Quanto à cronologia, essa não difere das faianças – 2.^a metade do século XVII – caso tenhamos presente que, embora a amplitude temporal seja mais vasta, devemos aferi-las pelas faianças, estas sim, de temporalidade mais restrita. Convirá recordar que, no caso das produções de Ovar, estas poderão descer até ao século XV e passar para lá do século XVII.

Vala 2

Num espaço tão pequeno como aquele que foi sondado, a abertura desta vala veio trazer um outro conhecimento sobre a ocupação do sítio. Enquanto a Vala 1 não permite um conhecimento do local anterior ao século XVI, senão mesmo somente a partir da 2.^a metade do século XVII, neste caso a ocupação remonta ao período romano. Acresce a singularidade de entre um momento não determinado do começo da Alta Idade Média e o século XVII haver um enorme fosso informativo.

De uma forma mais sucinta diremos que a estratigrafia e o espólio refletem bem o que se passa no sítio. Até à camada 11, à excepção de alguns fragmentos esparsos vindos com o revolvimento na altura da abertura de valas de fundação de muros, a cerâmica é toda ela posterior ao século XVI, centrando-se maioritariamente entre a 2.^a metade daquela centúria e os primeiros momentos do século XVIII. Estende-se, todavia, esta cronologia até ao século XIX no caso da camada 4, onde há faiança policromada oriunda de uma série de revolvimentos promovidos pela abertura de uma vala para o saneamento da habitação.

Todas as camadas abaixo da 11 pertencem ao mundo romano estando, em certa medida, relacionados com a estrutura, provavelmente habitacional, aqui representada pelo M8 e por um piso, que funcionou articuladamente com a referida parede, em saibro vermelho (estrato 13 da Vala 2). Um outro dado interessante e que também, se reflecte na diacronia da cerâmica romana, é o facto das camadas anteriores à construção do M8 (estrato 18 da Vala 2) terem materiais romanos, mas não da Idade do Ferro, vulgo cerâmica castreja. Isto significa que na área havia construções anteriores, cujas terras serviram para apoiar uma estrutura que é claramente do final do mundo romano.

No total dos estratos foram recolhidos 410 fragmentos, metade dos quais – mais precisamente 49% – são de origem romana e tardo-romana. Nas produções de época moderna estão presentes todos os grandes grupos – louça preta, louça vermelha não vidrada, louça com vidrado de chumbo e faiança – num equilíbrio percentual deveras interessante: 16% de louça preta; 15% para cada um dos dois restantes grupos.

A camada que mais cerâmica da Idade Moderna deu foi a 4 com um total de 35 fragmentos, contra os 23 da camada 5. A primeira é uma vala de abertura para a inserção de uma canalização de grés. A segunda é uma camada de entulho.

Vistas mais em pormenor, na camada 4 foram recolhidos 16 fragmentos de louça vermelha não vidrada. As pastas e as formas permitem identificar bordos e panças de cântaro, com a superfície exterior brunida verticalmente e reticulada no caso das panças (Fig. 6.1), alguidares com o interior coberto com engobe castanho avermelhado e fragmentos vários de pasta, mais arenosa e grosseira. Genericamente estamos perante produtos atribuídos às olarias de Ovar e Aveiro.

Se a louça preta aqui quase não tem expressão devido à exiguidade de fragmentos recolhidos, 2 na totalidade, o mesmo já não se poderá dizer dos vidrados de chumbo. A única nota no tocante a esta cerâmica é que todos os fragmentos recolhidos fazem parte de uma caçoila impregnada de fuligem no seu exterior. Interiormente está revestida de um vidrado de tonalidade esverdeado mosqueado de pintas acastanhadas.

Tratando-se de uma vala violadora de outros espaços é natural que a uniformidade cronológica dos seus materiais sofra com um tal processo. Por isso não espanta que as malgas e os pratos em faiança com a típica decoração em bandas, floral e vegetalista, da 2.^a metade do século XVII se junte a outros de coloração policromada cujas cronologias estão mais de acordo com os padrões decorativos usados no final do século XIX.

Neste conjunto há uma tigela que convirá destacar, tanto mais que tem uma forma completa, mas não o desenho. A pasta bege alaranjada, o esmalte estaladiço – que não cobre por completo a sua superfície – e o deficiente acabamento exterior contrasta com a profusa decoração interna a distribuir-se por dois espaços distintos: a aba e o covão. Em ambos os casos a temática decorativa são as ramagens e as flores, que alternam no caso da aba, enquanto no covão é uma grande flor que preenche a totalidade do espaço (Fig. 6.3).

Na camada 5, mais uniforme mas também ela fortemente penalizada pelo intromissão de uma outra violação, recolheram-se somente 23 fragmentos, 20 dos quais pertenciam a um vaso de faiança de grandes dimensões, cuja forma sugere um bispote ou servidor. A pasta é avermelhada e o esmalte, apesar de cobrir as duas faces, foi incapaz de disfarçar as caneluras produzidas pela roda do oleiro e muito menos as muitas deficiências do seu fabrico, nomeadamente as irregularidades da pasta. Sobre o esmalte branco foi aplicada uma decoração de duas linhas azuis verticais, paralelas mas ondulantes, que cobrem toda a extensão exterior do seu perfil (Fig. 7.1).

As camadas 8 e 10 são entulhos destinados a reforçar o alicerce do edifício, daí que também não seja excêntrico encontrarem-se materiais de diferentes épocas. É assim que se aponta a existência de um fundo de um pote de época romana na camada 8 a par de outras produções mais recentes e que na camada 9 voltam a aparecer as misturas.

Dos 163 fragmentos recolhidos, 41 são de época romana e os restantes distribuem-se pelos vidrados de chumbo, pela louça preta, pela faiança e pelas pastas vermelhas não vidradas.

No material de época romana há que destacar dois fundos de *terra sigillata* hispânica – Drag. 24/25 e ou Drag. 27 – vários bocados de ânfora de pasta vermelha e um bordo de uma panela de pasta arenosa castanha acinzentada (Fig. 8.8) e aquelas que são, claramente, uma regionalização das produções cinzentas estudadas por Rigoir. Tanto o bordo de uma taça (Fig. 5.4) como o fundo de um provável pote apresentam pastas entre o bege e o acinzentado muito claro, mas exteriormente cobertos com um engobe cinza enegrecido.

Das cerâmicas pós-romanas o maior destaque vai para a louça preta com mais de 6 dezenas de fragmentos distribuídos por dois tipos de fabricos bem diferentes. Uma corresponde a uma pasta fina, paredes pouco espessas e cozedura razoável, enquanto a outra é mais grosseira, com mais areia, factor que se reflete na espessura das paredes e na cozedura menos eficiente. No tocante às formas identificaram-se 3 bordos de panela cujo exterior denotava um intenso uso ao fogo.

Segue-se, em percentagem, a faiança. Das cerca de 3 dezenas de fragmentos, a grande maioria apresenta-se coberta com motivos florais a azul e a pasta que é claramente rósea, num tipo de produção que não esconde a sua filiação seiscentista.

Cronologia análoga terão os fragmentos cobertos com vidrado de chumbo de coloração acastanhada. São de caçoila (Fig. 5.8) e de prato, ambos com vestígios exteriores de fuligem, mas também de alguidares.

O último grande grupo é o das pastas vermelhas não vidradas, aqui novamente

representados através de cântaros com decoração reticulada ao nível do bojo (Fig. 6.1). Para além deles há ainda restos de um testó (Fig. 7.5), uma asa de cântaro e o bordo de um alguidar com vestígios de engobe interno de tom castanho avermelhado.

A última nota deste estrato vai para o gargalo de uma botija em grés (Fig. 7.6) em material afim, mas não igual àquele, já descrito, que aparece na camada 14 da Vala 1.

A camada 10 a par de bocados de tégula mostra, igualmente, a presença das cerâmicas cobertas por vidrado de chumbo, aqui representadas através de um alguidar verde escuro e das pastas vermelhas não vidradas. Nestas destaca-se o bojo, com arranque de asa, de um cântaro, parte de um bojo de cântaro, decorado incisamente com meandros e o fundo de um grande vaso exteriormente coberto com um aguada de cor salmão e marcado por uma canelura concêntrica.

As camadas 11 e 12 são as primeiras que nesta sequência estratigráfica só possuem materiais de época romana ou algo ligeiramente mais tardio. Na camada 11 são 42 os fragmentos recolhidos, entre cerâmica e vidros, enquanto na 12 só há, na realidade, bocados de tégula.

Se nos abstrairmos dos fragmentos de ânfora, com pasta vermelha e de 2 fragmentos cobertos com um engobe cinza escuro, os quais se inserem na regionalização das pastas estudadas por J. Rigoir, todos os demais são de pastas castanho escuras, muito areanas e de má cozedura, ou então, de pastas areanas de tom cinzento, por vezes com palhetas de mica a aflorar a superfície (Fig. 8.4; 8.7). Esta, sobretudo a face exterior, aparece muito maltratada, enegrecida e queimada pelo uso no caso dos que iam ao fogo ou então muito erosionada devidas às condições de jazida. Em qualquer dos casos, mesmo sem elementos de datação mais seguros, serão produções do final do mundo romano, senão mesmo do começo da Alta Idade Média. Tal conclusão é, para já, reforçada pela tipologia da estrutura pétreia e do piso que lhe está associado, tanto mais que terão sido produtos em uso naquela habitação.

A camada imediatamente abaixo do piso da casa romana, neste caso tardo-romana, é a 15. Nela foram encontrados 54 fragmentos de cerâmica dos quais 21 são de tégula e imbrax, isto é materiais de construção. Os restantes, exceptuando dois bocados de ânfora e um bocado de vaso exteriormente canelado (Fig. 8.6), pertenciam a panelas e potes de cozinha (Fig. 8.8), sendo as suas pastas de fraca qualidade, devido ao elevado teor de areia que as tornavam bastante friáveis.

Semelhante, em tudo, ao estrato 15, é o 16. Ali estão patentes as pastas cinzentas com engobes semelhantes às estudadas por J. Rigoir e os bordos de panela com as pastas mais grosseiras devido à grande quantidade de areia.

As duas últimas camadas desta vala com materiais cerâmicos são a 18 e a 19. Ambas são o produto de ocupações anteriores, provavelmente do Alto Império a ajuizar por um bordo, muito fracturado de uma ânfora Dressel 7/11 (Fig. 8.9) e pelo gargalo de uma bilha com as asas a sair directamente do bordo (Fig. 8.10). No conjunto das 4 dezenas de fragmentos há ainda a assinalar a presença de bocados de *dolium* e de uma série de fragmentos de panelas e potes de bojo romboide e cujas pastas são maioritariamente castanho avermelhadas. Este panorama acaba por se repetir na camada 19 onde os 18 fragmentos assinalados pertencem ao mesmo padrão. As formas mais usuais são as panelas com as paredes cobertas de fuligem às quais se juntam, agora, bordos de um prato/frigideira com restos de um engobe avermelhado cobrir o interior.

3.1. Algumas ilações do estudo cerâmico

O espólio, nomeadamente o cerâmico, conjugado com a estratigrafia, apontam para 4 momentos, bem individualizados, na ocupação deste sítio. No período romano surgem dois períodos distintos em termos funcionais – antes e depois da construção do M8 e do respectivo piso de saibro vermelho (estrato 13 da Vala 2) – mas pouco ou nada claros em termos cronológicos. Avançando no tempo está clara uma ocupação entre a 2.^a metade do século XVII e um momento, não muito bem determinado, do século XVIII. A este período segue-se um outro, já em pleno século XIX, pouco claro em termos materiais.

O espólio cerâmico com quase 7 centenas de fragmentos é muito enganoso quanto à sua real distribuição, porque os 32% de cacos romanos ou aparentados só têm aquele peso devido à sua fragmentação, transmitindo uma imagem errada em função do total recolhido. Uma análise superficial deixa a impressão de estarmos perante um elevado número de vasos mas que a realidade demonstra antes ser um número exíguo. Mais de 90% são pequenos fragmentos de cerâmica comum oriundos de painéis e potes usados com frequência nas actividades da cozinha. A má qualidade das pastas e o estado das superfícies não permite grandes ilações técnicas e muito menos estabelecer padrões comparativos. Apesar de tais dificuldades há algo que nos parece ser bastante claro. Em tais produtos há os que são claramente do fim do mundo romano, caso das produções de pasta cinzenta e relativa boa cozedura e aqueles que regionalmente adoptaram formas e características técnicas das cerâmicas cinzentas comumente designadas por páleo-cristãs. Desta mesma altura são alguns bocados de vidro, um dos quais é um bordo de taça com remate em cabeça de fósforo de coloração verde claro.

Se a cerâmica comum romana não permite estabelecer grandes precisões cronológicas, já o mesmo não acontece com as sigallatas hispânicas que, a provar serem de Drag. 24/25 não seriam posteriores a meados do século II e um pouco mais tardias, até ao começo do século IV, caso algum dos fundos ser de uma Drag. 27. Se lhe juntarmos o fragmento de bordo da Dressel 7/11 e alguns fragmentos onde se notam restos de aguada castanho avermelhada, características de alguma cerâmica comum do Alto Império, temos então todos os condimentos necessários para afirmarmos que aquilo que a estratigrafia apregoa poderá corresponder à verdade. No final do mundo romano, naquele espaço, foi construído ou remodelado um edifício não em solo virgem, antes num espaço que já havia conhecido uma outra ocupação no decurso do Alto Império. Dúvidas também não temos quando, perante cerâmicas de pastas bem mais cinzentas e arenosas, podemos inferir que tal ocupação tardo-romana entrou pela Alta Idade Média, afinal numa similitude que encontra paralelos na vizinha Casa do Infante. É que cerâmicas aparentadas às páleo-cristãs conhecemo-las muito bem de estações da bacia dos rios Neiva e do Lima, com especial ênfase para a villa do Paço Velho na freguesia da Facha, concelho de Ponte de Lima.

Como já tivemos ocasião de referir, entre a Alta Idade Média e o século XVII, mais especificamente a sua 2.^a metade, há um enorme vazio ocupacional. Este poderá ser ligeiramente menor, caso considerarmos que as cerâmicas de pasta vermelha e engobes castanho avermelhados, não vidradas, são cronologicamente anteriores, como aliás também o poderão ser os dois tipos de botijas de grés encontradas em duas camadas de duas valas distintas. De acordo com as indicações bibliográficas genericamente consideradas como fidedignas, tais produtos serão oriundos da Renânia e a sua cronologia oscila entre a 2.^a metade do século XVI e o século XVII (OSÓRIO e outros, 1998, p. 283-314).

Na presente intervenção arqueológica estão patentes todos os condimentos que se conhecem já da vizinha Casa do Infante: a presença de um forte contingente de faianças características da 2.^a metade do século XVII e o forte decréscimo da louça preta que foi sendo substituída por louças vidradas e pelas não vidradas de pasta avermelhada (BARREIRA *et al.*, 1998, p. 145-184). Embora a amostragem peque pela escassa quantidade de fragmentos e a área escavada seja igualmente diminuta, não deixa de ser interessante a ascendência das louças de pasta vermelha não vidrada, oriunda da região de Ovar/Aveiro, em detrimento da louça preta, genericamente atribuída às olarias de Prado (REAL e outros, 1995, p. 179).

A louça preta aqui patenteada, no cômputo geral, representa somente 11% do total recenseado, mas se há muitos cacos, estes não correspondem a outras tantas formas, em virtude da sua elevada fragmentação. Diremos, mais acertadamente, que todos eles correspondem a uma escassa quantidade de formas, maioritariamente painéis e potes, face ao negrume e fuligem que a maioria dos fragmentos ostenta. No tocante às pastas, estas diferenciam-se em dois grupos bem distintos: cerne cinzento, relativamente cuidado e boa cozedura e pasta mais grosseira, mais arenosa e por isso mesmo, também mais friável. Tais diferenças corresponderão a centros produtores distintos? É possível tanto mais que os investigadores que participaram nos estudos elaborados sobre a Casa do Infante são unânimes em considerar que as olarias do Prado, por esta altura, passaram a ter a concorrência de S. Martinho de Mouros, Barrô e mesmo de Coimbra (REAL e outros, 1995, p. 181-182).

Percentualmente muito próximo da louça preta – 12% – estão as produções cobertas com vidrado de chumbo. Na generalidade a pasta apresenta-se rósea, bastante homogénea, sendo de boa cozedura. As formas mais usuais são o alguidar e a caçoila, esta claramente com marcas de ir ao lume, mas também há o porrão e uma ou outra tigela. Nesta uniformidade, o que verdadeiramente muda é a coloração do vidrado. O mais frequente é o verde escuro que a parece a cobrir totalmente o interior e a estender-se para a o exterior do bordo, mas há outros cuja tonalidade, também verde mais claro, por vezes com matizes amareladas ou meladas, sem esquecer os melados que nos aparecem normalmente mosqueados de castanho.

Oriundos, ao que parece, das olarias do Prado, distribuíam-se um pouco por toda a parte, não sendo o Porto uma exceção. Eles estão bem documentados no Castelo de S. João da Foz e naturalmente na Casa do Infante, cujas cronologias obviamente aceitamos para esta intervenção: século XVIII (OSÓRIO *et al.*, 1998, p. 284-285; BARREIRA *et al.*, 1995, p. 178-180). Concluíram os investigadores que trabalharam na Casa do Infante que, ao longo do século XVII se assistiu ao “boom” das faianças com figurações pintadas a azul (BARREIRA *et al.*, 1995, p. 181) na cidade do Porto. O que foi evidente naquela intervenção arqueológica, repete-se aqui. Salvo as louças vermelhas não vidradas – 24% – este grupo de faianças – 21% – é o segundo mais numeroso e também o mais homogéneo. É que salvo escassos fragmentos de louça atribuída ao final do século XIX – floral policromada – e de meia dúzia de fragmentos atribuídos aos fabricos de Bioso de meados do século XVIII, pode-se afirmar que os demais, cerca de 97% do total recolhido, são produtos pintados a azul. Esta afirmação não bastaria se não disséssemos que para além dos motivos e da coloração há ainda a assinalar o tipo de pasta rósea, a espessura das paredes e a qualidade do esmalte, nem sempre de boa qualidade e não raras vezes a estalar e separar-se da peça.

As peças aqui representadas encontram paralelos nos conjuntos já conhecidos da Campo 24 de Agosto, na Casa Ramos Pinto, em Gaia e naturalmente na Casa do Infante. Paralelos não só ao nível das peças, mas também das cronologias: 2.^a metade do século XVII, com intromissões do século XVIII. No tocante às peças mais tardias, policromadas e com as temáticas decorativas a multiplicarem-se em verdes, rosas, azuis e amarelos, estas têm sólidos paralelos nos conjuntos exumados da Cadeia da Relação e na Rua de Santana n.º 25 (GOMES *et al.*, 2001, p. 119-164) e em muitas das intervenções urbanas que temos vindo a realizar nas vilas de Ponte de Lima, Melgaço, Monção e Caminha.

O grupo das louças vermelhas não vidradas é aquele que melhor expressa a tendência que no Porto se assistiu, na passagem do século XVI para o século XVII, à substituição do centro oleiro do Pardo para as olarias de louça vermelha da região de Ovar/Aveiro (BARREIRA *et al.*, 1995, p. 181).

Neste grupo de pastas bem diferenciadas distinguem-se claramente 3 fabricos: o das pastas alaranjadas cobertas com engobe vermelho acastanhado; o das pastas vermelhas homogéneas mas com grãos de areia de médio calibre e o das pastas, também vermelhas, mas com mais areia, o que as torna mais grosseiras.

No primeiro grupo as superfícies apresentam-se engobadas numa tonalidade castanho avermelhada, internamente no caso das formas abertas – malgas ou tigelas – com e sem carenas – taças, pratos e terrinas – e externamente nas formas mais fechadas como é o caso dos cântaros, dos potes e dos púcaros. Não raras vezes, para não dizer, em larga escala, estas formas aparecem cobertas com uma decoração brunida em linhas simples ou combinadas com reticulados, tornando-os em peças utilitárias com uma certa graça artística.

O segundo grupo, de pastas vermelhas, bem cozidas, tem as superfícies alisadas e da cor da pasta. As formas aqui contabilizadas são sobretudo os cântaros, os alguidares e as terrinas. Normalmente não ostentam decoração, mas quando as têm, estas são bem interessantes como é o caso de um cântaro de bordo externamente moldurado onde foram impressos certos motivos a par de outros apostos por incisões.

O terceiro grupo distingue-se dos demais pelas pastas não serem tão vivas no tocante à cor e menos cuidadas quanto à sua composição. A este aligeirar no fabrico não será estranho o tipo de vasos que se pretendiam: recipientes para flores ou situações afins. Nota interessante é o facto de exteriormente estes vasos, cujos fundos são planos e as paredes praticamente verticais, estarem marcados com uma canelura e de toda a superfície ter sido engobada em tons de vermelho salmão.

3.2. Catálogo

• *Cerâmica com vidrado de chumbo*

– Alguidar. Bordo espessado e curvado para o exterior. Pasta alaranjada, relativamente cuidada, com finos grãos de areia. Vidrado interior de cor verde escuro, não uniforme quanto à sua distribuição. É um vidrado espesso e aderente que cobre também o exterior. Fig. 4.6.

– Caçoila. Parede arqueada com o bordo voltado para o interior e duas asas a marcar a parte superior do bojo. Pasta castanho acinzentada com finos grãos de areia e mica. Vidrado melado a cobrir o interior e a parte exterior do bordo. Superfície exterior alisada e queimada e coberta de fuligem. Fig. 5.1.

– Porrão. Parede arqueada a rematar em pé circular. Pasta vermelha, com grãos de areia e mica, boa cozedura. Esmalte verde alface pouco uniforme quanto à distribuição. O esmalte é espesso, aderente, brilhante, mas não chega a tapar totalmente as imperfeições da face. O interior está coberto com esmalte alaranjado, de boa qualidade e brilhante. Fig. 5.3.

– Bilha (?) Parede oblíqua a rematar em fundo raso, com ligeira reentrância. Pasta rosada, com finos grãos de areia e mica. Vidrado de coloração verde melado, aderente e brilhante. Cobre somente a face exterior. Fig. 5.7.

– Prato covo. Pasta rósea, com finos grãos de areia, boa cozedura. Vidrado de tonalidade melada com tonalidades esverdeadas, aderente e brilhante. A superfície exterior está manchada com fuligem, tal como a parte interna da aba. Fig. 8.3.

– Alguidar. Parede em ângulo raso. Pasta rósea com alguns finos grãos de areia. Vidrado castanho avermelhado espesso e brilhante. Fig. 4.5.

• ***Cerâmica pasta vermelha não vidrada (Grupo Ovar/Aveiro)***

– Cântaro. Bordo e colo com molduras salientes. Pasta vermelha com grãos de areia. Boa cozedura. Decoração brunida – linhas verticais e cruzadas – a ocupar a parte inferior do colo, ombros e a totalidade do bojo. Decoração à base de conjuntos de incisões oblíquas impressas na moldura exterior sobre a sobarba. Fig. 6.1.

– Cântaro. Bordo e colo com molduras salientes. Pasta vermelha com grãos de areia. Boa cozedura. Decoração à base de círculos impressos nas paredes da garganta e impressões à base de dedadas na moldura que sobressai sobre a sobarba. Fig. 6.2.

– Fogareiro ? Fundo marcado exteriormente por uma canelura. Pasta bem vermelha, bem cozida e com bastantes grãos de areia. Superfície exterior coberta com um engobe de tonalidade castanho avermelhado. Fig. 7.2.

– Fogareiro. Parede arqueada a rematar em bordo engrossado voltado para dentro. Asa a arrancar da parte inferior da sobarba para o ponto onde interiormente arranca a base furada para a passagem do calor. Pasta vermelha, com finos grãos de areia, bem cozida e fractura quase rectilínea. Superfície alisada, vermelha, manchada pelo uso. Fig. 4.8.

– Cântaro. Fundo de paredes espessadas e arranque para o bojo. Pasta vermelha, boa cozedura e fractura regular. Superfície coberta com um engobe castanho avermelhado e brunida com linhas verticais. Fig. 8.2.

– Cântaro. Fundo de paredes levemente inclinadas para o exterior. Pasta vermelha, com partículas de areia e mica. Cerne cinzento e boa cozedura. Superfície coberta com engobe castanho avermelhado e decorado com linhas brunidas verticais. Fig. 4.3.

– Fundo de alguidar? Pasta avermelhada, com alguns grãos de areia e mica. Boa cozedura. Superfície exterior alisada e a interior com engobe castanho avermelhado. Fig. 4.5.

– Cântaro. Fundo de paredes arqueadas para o exterior. Pasta vermelha, boa cozedura. Superfície alisada.

– Tigela. Pé reentrante. Pasta vermelha com finas paletas de areia e mica. Boa cozedura. Superfície exterior alisada e a interior com restos de engobe castanho avermelhado. Fig. 5.4.

– Tigela. Parede arqueada com leves caneluras a marcar a superfície exterior. Pasta vermelha, alisada, escurecida pelo uso e boa cozedura. Superfície interior com engobe castanho avermelhado. Fig. 4.4.

– Testo. Remate amendoado. Pasta vermelha, com finos grãos de areia, boa cozedura. Superfície exterior alisada, coberta com uma aguada castanho avermelhada. Fig. 7.5.

• ***Cerâmica de pastas castanho avermelhadas não vidradas***

– Panela. Pança ovóide, de ombros estrangulados a rematar em bordo boleado. Pasta castanho avermelhada, muito arenosa, distinguindo-se grãos de grande calibre. Superfícies cobertas com uma aguada alaranjada em ambas as faces. Fuligem a marcar a superfície exterior. Fig. 8.4.

– Pote. Fundo plano. Pasta castanho avermelhada muito arenosa. Superfície exterior muito rugosa e a interior muito escurecida pelo uso. Fig. 8.5.

– Fundo de pote? Pasta castanho avermelhada com grãos de areia. Superfície alisada e com sinais de fuligem. Fig. 7.3.

– Panela. Parede arqueada com dois orifícios circulares a funcionar como asas de suspensão. Pasta vermelho acastanhada, com muita areia mas com uma ótima cozedura. Superfícies aliadas e queimada a exterior onde há sinais de fuligem. Fig. 5.8.

– Fundo. Parede arqueada, fundo plano. Pasta acastanhada, com bastantes grãos de areia. Superfícies alisadas. Fig. 7.7.

• ***Louça preta***

– Panela. Bojo ovóide a rematar em bordo moldurado extrovertido. Pasta cinza clara com finos grãos de areia. Superfícies alisadas com a exterior coberta de fuligem. Fig. 8.1.

– Pote (?). Fundo raso. Pasta cinza clara, com grãos de areia de médio calibre. Superfície exterior enegrecida e marcada pela fuligem. Fig. 8.7.

– Panela (?). Fundo raso. Parede cinzenta com finos grãos de areia. Parede exterior cinza escura enegrecida pelo uso e pela fuligem. Fig. 8.2.

• ***Faiança***

– Prato. Parede arqueada e pé baixo. Pasta bege alaranjada, cuidada. Esmalte branco, aderente e brilhante, mas com imperfeições na face exterior já que não cobre totalmente as imperfeições. Decoração floral a azul pintada na aba e no fundo. O centro do covão está preenchido com um enorme flor de pétalas abertas. Fig. 6.3.

– Malga. Pequeno pé. Pasta bege rosada, de fractura levemente irregular. Esmalte branco, aderente, mas que não esconde as irregularidades da face exterior. Decoração interna a preencher integralmente o fundo. Trata-se de um monograma –...ARI/...NA inserido num escudo envolto em decoração vegetalista. Fig. 4.7.

– Prato. Pasta rosada, porosa e fractura bastante regular. Esmalte branco aderente, mas com linhas de fractura bem evidentes. Decoração na aba e no covão. Temática floral totalmente a azul. Fig. 5.6.

– Bispote. Parede a inflectir para o interior a rematar num fundo plano. Pasta laranja, de boa qualidade. Esmalte branco sujo, com tonalidades azuladas. É espesso e aderente, com uma decoração à base de duas linhas pintadas, onduladas, paralelas e verticais de cor azul turquesa. Fig. 7.1.

– Bispote. Bordo engrossado e voltado para o exterior. Pasta rósea, de muito boa qualidade. Superfície deteriorada, mas com indícios de um esmalte branco, pouco aderente. Decoração na parte superior interna à base de linhas circulares a vinoso. Fig. 5.5.

• ***Cerâmicas romanas***

– Panela. Bordo soerguido virado para o exterior. Pasta castanha, arenosa, com grãos de mica. Superfície alisada e queimada pelo fogo. Fig. 8.8.

- Pote. Fundo plano com arranque de parede. Pasta castanha avermelhada, arenosa, com grãos de mica. Superfície alisada e queimada pelo fogo. Fig. 8.7.
- Taça. Parede arqueada a rematar em bordo cortado. Pasta cinza claro, levemente arenosa. Superfície exterior cinza escuro de tonalidade baixa. Fig. 7.4.
- Fundo de panela? Pasta cinza clara com finos grãos de areia. Superfície exterior cinza escurecida. A interior, apesar de muito deteriorada, ainda conserva sinais de idêntico acabamento. Fig. 7.2.
- Fragmento de vaso. Parede exterior canelada. Pasta vermelho clara, com grãos finos de areia, mas de fraca cozedura. Fig. 8.6.
- Ânfora. Pasta vermelha, de boa qualidade. Superfície exterior bege, mas manchada. Fig. 8.9.
- Bilha. Bordo de bilha de cuja sobarba sem duas asas. Pasta castanha com finos grãos de areia. Superfícies com engobe cinza escuro, espesso e aderente. Fig. 8.10.
- Prato. Parede arqueada a rematar em bordo levemente bifido e reentrante. Pasta castanho avermelhada com grãos de areia finos. Interior coberto por uma espécie de engobe cinza escura. Parede exterior queimada e manchada pelo fogo.

- **Cerâmicas importadas**

- Botija. Grés. Pasta cinza clara. Superfície exterior castanho avermelhado. Fig. 7.6.

4. CONCLUSÃO

A intervenção arqueológica, sem trazer especiais novidades, permitiu retirar ilações com um certo interesse.

A primeira prende-se com os materiais e estruturas atribuíveis ao mundo romano. Mesmo tratando-se de um espaço geograficamente divergente, de um certo modo podemos afirmar que tais achados estarão relacionados com os vestígios encontrados durante as intervenções arqueológicas levadas a efeito na “Casa do Infante” (REAL *et al.*, 1992; OSÓRIO, 1993), na Rua de D. Hugo (Morro da Sé) e na zona da Ribeira (SILVA, 1984; SILVA, 1994a, p. 85-87). A relativa proximidade daqueles achados, também eles de época romana, com cronologias muito análogas (século IV d.C), levam-nos a pensar que se tratará de uma mesma sequência ocupacional, mesmo que sejam focos de ocupação distintos. No entanto, apesar das tais evidências, temos de concordar que há pormenores nesta intervenção, que fazem recuar um pouco a cronologia da ocupação romana da margem ocidental do Rio da Vila.

O primeiro alicerça-se no facto de, nas camadas mais antigas, terem aparecido cerâmicas romanas que, pelo seu fabrico e tipologia, pertencem ao Alto Império. Referimo-nos, de um modo muito especial, a alguns pequenos fragmentos de terra sigillata hispânica e ao bordo de uma ânfora da forma Dressel 7/11 que transportava pasta de peixe (*garum*) e cuja cronologia coincide com a plenitude da afirmação imperial nesta parte da Península Ibérica.

Tais vestígios existem, mas a intervenção não passou de uma exígua sondagem, cujo espaço não permitiu ir à procura de eventuais estruturas relacionadas com tais achados, nem tão pouco obter estratigrafias não remexidas. Por isso atribuir uma data mais precisa a tais vestígios, sem o apoio de uma estratigrafia mais credível devido aos posteriores revolvimentos,

é algo de difícil concretização, embora seja curioso notar que essa cronologia está, por diversas vezes, associada a materiais presentes no Morro da Sé (SILVA, 1994a, p. 84).

O segundo facto a registar relaciona-se com a localização destes achados. Tanto os da Casa do Infante como estes e os da Praça da Ribeira situam-se na margem poente do Rio da Vila, sinal claro que aquele curso de água não funcionou como fronteira no período romano, tal como o não terá sido no período antecedente. Da primitiva ocupação castreja do Morro da Sé rapidamente os moradores saíram para a outra banda do Rio da Vila estendendo-se mesmo para paragens mais distantes como bem o demonstram as recentes descobertas em torno da Capela de Santa Catarina em Lordelo do Ouro e as do aro da igreja românica de Cedofeita.

O que não sabemos, face à exiguidade do espaço sondado, é que tipo de ocupação, temporal e fisicamente, coabitou com a da Casa do Infante nesta margem do rio, pelo menos no decurso do Baixo Império e depois nos primeiros tempos da Alta Idade Média. Em ambos os sítios há fragmentos cerâmicos que podem ser atribuídos a estes dois momentos, nomeadamente as pastas cinzentas claras cobertas com uma espécie de engobe cinza enegrecido. O seu parentesco com as cinzentas páleo-cristãs é tão óbvio, como é o facto de nos dois sítios ter havido duas ocupações que registam estruturas em pedra. A dúvida é se este seria um espaço dependente daquele ou uma outra ocupação distinta, propriedade de uma outra entidade.

Esquecida e abandonada a ocupação que coexistiu, temporalmente com o período inicial da Alta Idade Média, a estratigrafia registou um dilatado hiato da presença humana naquele espaço, facto que poderá não corresponder a uma efectiva realidade e isto porque o espaço sondado foi muito escasso. O que a estratigrafia documenta é uma outra ocupação humana, muito mais tardia, algures entre o século XVII e a centúria seguinte. Com isto não queremos defender, de modo algum, que ali não houve outras ocupações cronologicamente intermédias, mas se as houve a estratigrafia não as noticiou.

No século XVII foi ali construído um tanque. A dificuldade está em definir-lhe uma funcionalidade, uma precisão cronológica e associar-lhe uma estrutura. O que parece ser um dado adquirido é que o período de utilização não deverá ter-se expandido muito para além dos inícios do século XVIII, altura em que se terá construído a 1.ª fase da habitação que hoje está naquele espaço. A construção do referido edifício não foi certamente a causadora da destruição do tanque, já que este encontrava-se desactivado e entulhado quando os trabalhos tiveram início.

A construção da Rua Mouzinho da Silveira, associado a todo o movimento de renovação urbana daquela parcela do tecido urbano do Porto, obrigou à remodelação deste edifício, obrigando-o a abeirar-se do novo traçado do passeio. Em consequência, o imóvel cresceu em comprimento passando a funcionar com uma fachada e uma rectaguarda diferentes daquelas que, até então, haviam servido o edifício.

Foi esta estrutura arquitectónica que sobreviveu até aos nossos dias, a qual está a ser alvo de um novo processo de remodelação, adaptando-se a novas vivências.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Joaquim Jaime B., *O Porto na época dos Almas*, Porto, 1988.
 BARREIRA, Paula, GOMES, Paulo Dórdio, TEIXEIRA, Ricardo, *200 anos de cerâmica na Casa do Infante*:

do século XVI a meados do século XVIII, in "Actas da 2.ª jornada de cerâmica medieval e pós-medieval", Tondela, 1998.

CARVALHO, Teresa Pires de; GUIMARÃES, Carlos; BARROCA, Mário Jorge, "Bairro da Sé" Area – Porto, *Contribution for Historic Characterization*, Câmara Municipal do Porto, Porto, 1996.

FREITAS, Eugénio Andréa da Cunha e, *Toponímia portuense*, Contemporânea Editora, Porto, 1999.

GOMES, Paulo Dórdio, TEIXEIRA, Ricardo, SÁ, Anabela, *Faianças do Porto e Gaia: O recente contributo da arqueologia*, in "Itinerário da Faiança do Porto e Gaia", Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 2001.

OSÓRIO, Maria Isabel N. Pinto (Coord.), *O Porto das mil idades. Arqueologia da cidade*, Porto, 1993.

OSÓRIO, Maria Isabel N. Pinto, SILVA, António Manuel S. P., *Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto*, in "Actas da 2.ª jornada de cerâmica medieval e pós-medieval", Tondela, 1998.

REAL, Manuel Luís, GOMES, Paulo Dórdio, TEIXEIRA, Ricardo J., *Casa do Infante: Uma história a refazer*, in "Oceanos", n.º 12, Lisboa, 1992.

REAL, Manuel Luís et alii, *Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequência longa – século IV-XIX*, in "Actas da 1.ª jornada de cerâmica medieval e pós-medieval", Tondela, 1995.

SERÉN, Maria do Carmo; PEREIRA, Gaspar Martins, *O Porto Oitocentista*, in "História da Cidade do Porto", 2.ª ed., Porto Editora, 1994.

SILVA, Armando Coelho Ferreira, *Sondagens Arqueológicas na Praça da Ribeira*, in "Arqueologia", n.º 10, Porto, 1984.

SILVA, Armando Coelho Ferreira, *As origens do Porto*, in História da Cidade do Porto, 2.ª ed., Porto Editora, 1994.

SILVA, Francisco Ribeiro da, *Tempos Modernos*, in "História da Cidade do Porto", 2.ª ed., Porto Editora, 1994.

SOUSA, Armindo de, *Tempos Medievais*, in "História da Cidade do Porto", 2.ª ed., Porto Editora, 1994.

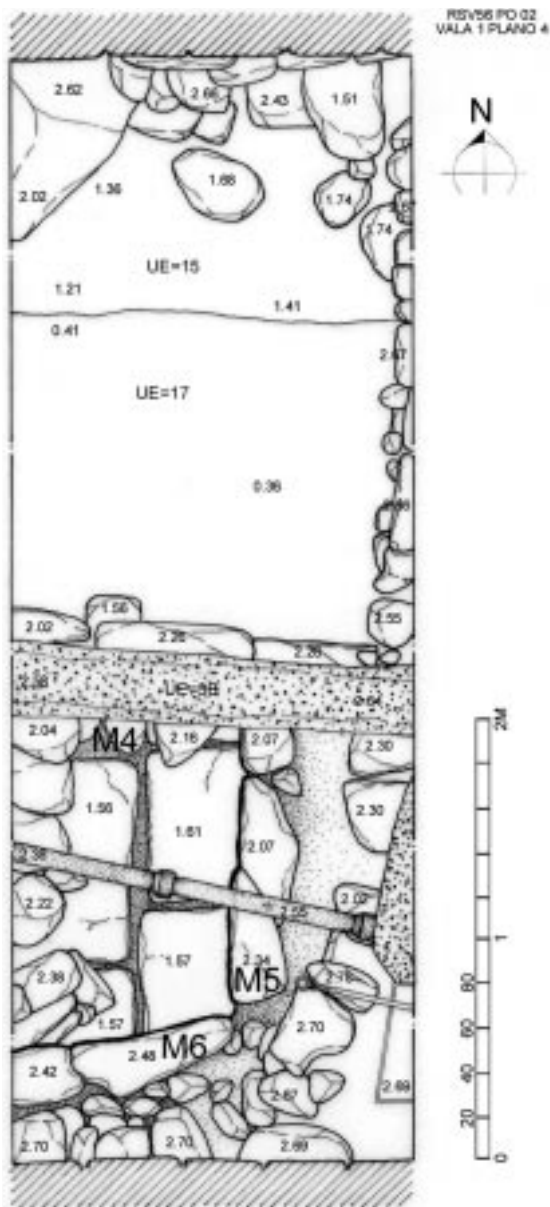


Figura 2.1 - Vala 1 - Plano A

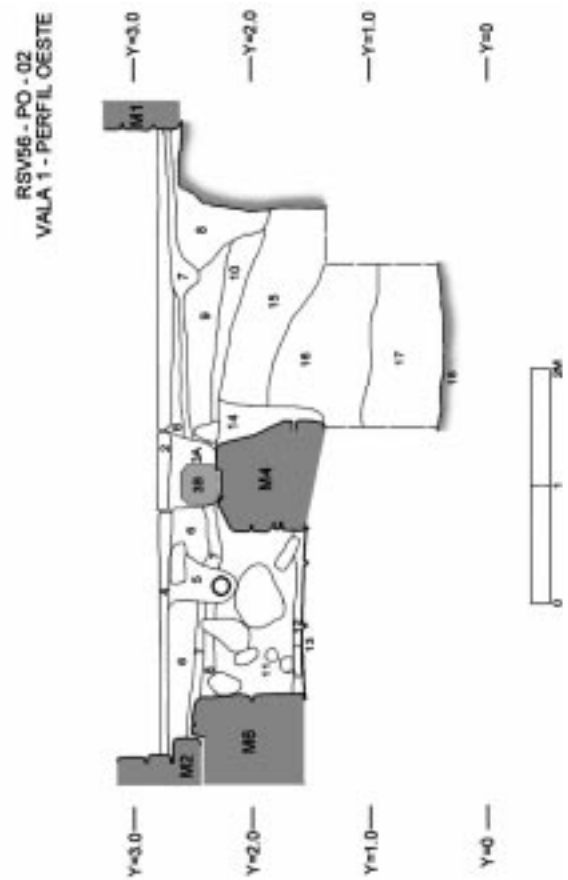


Figura 2.2 - Vala 1 - Perfil Oeste

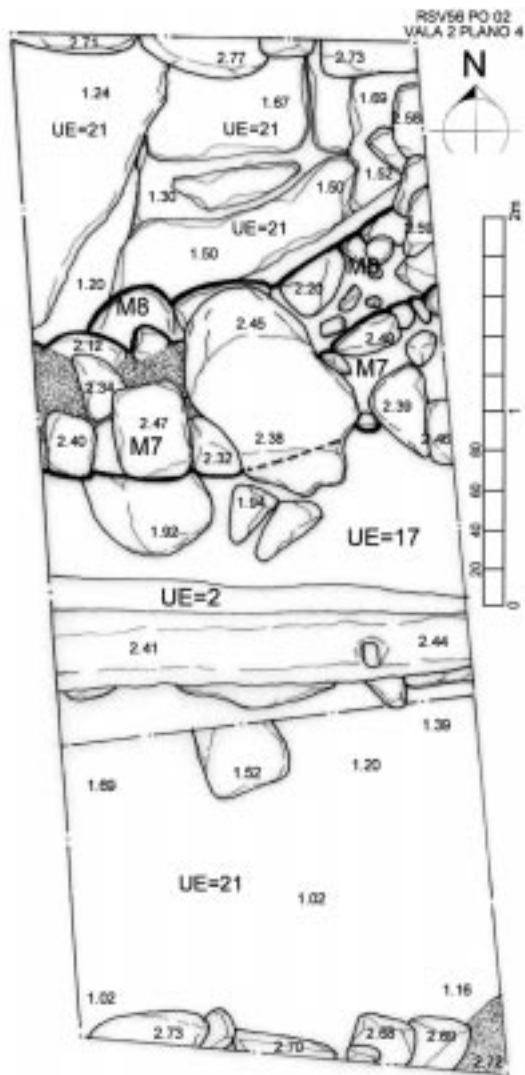


Figura 3.1 – Vala 2 – Plano 4

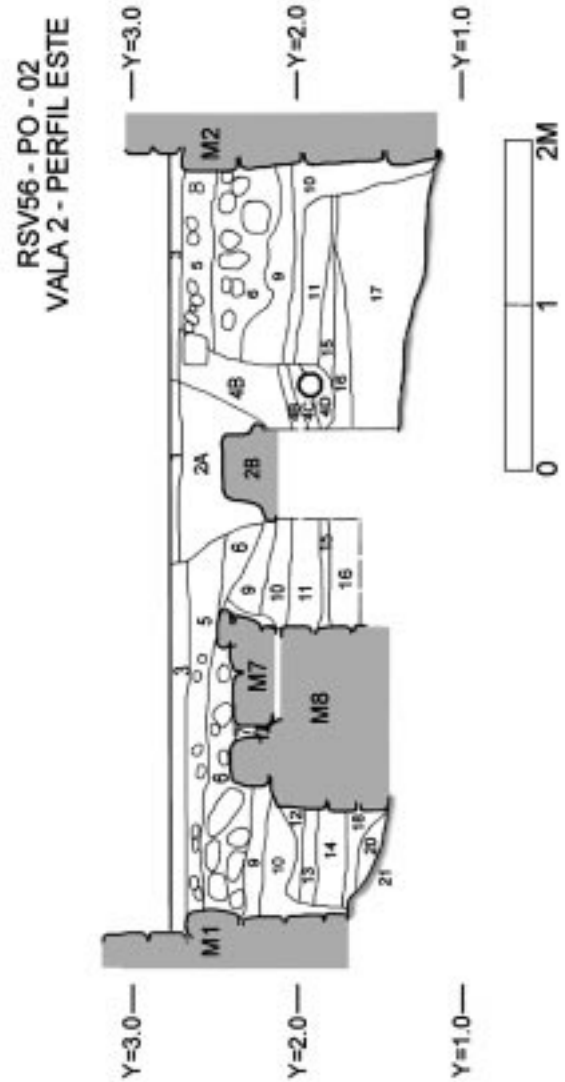


Figura 3.2 – Vala 2 – Perfil Este

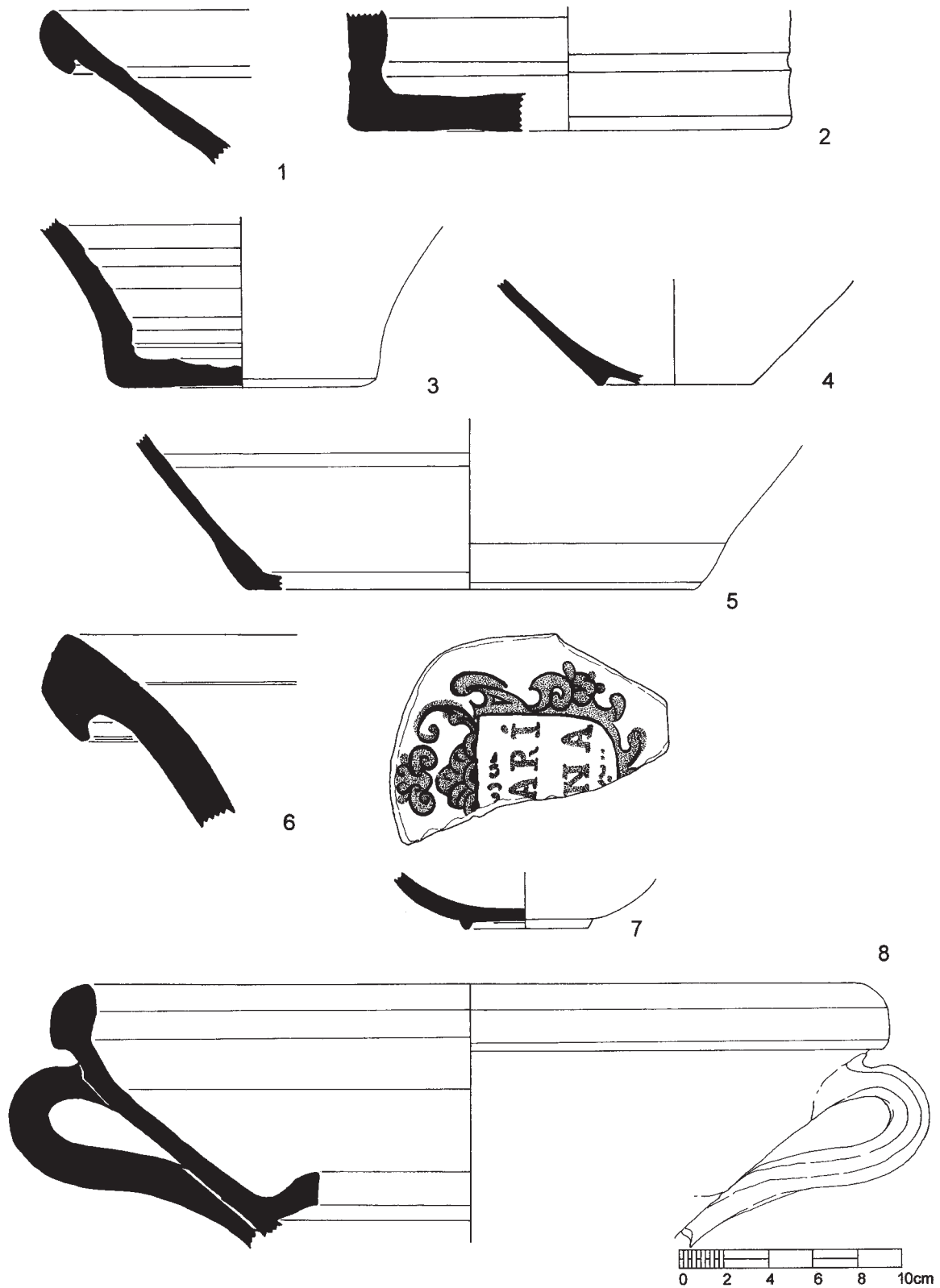


Figura 4 – Espólio 1 a 8

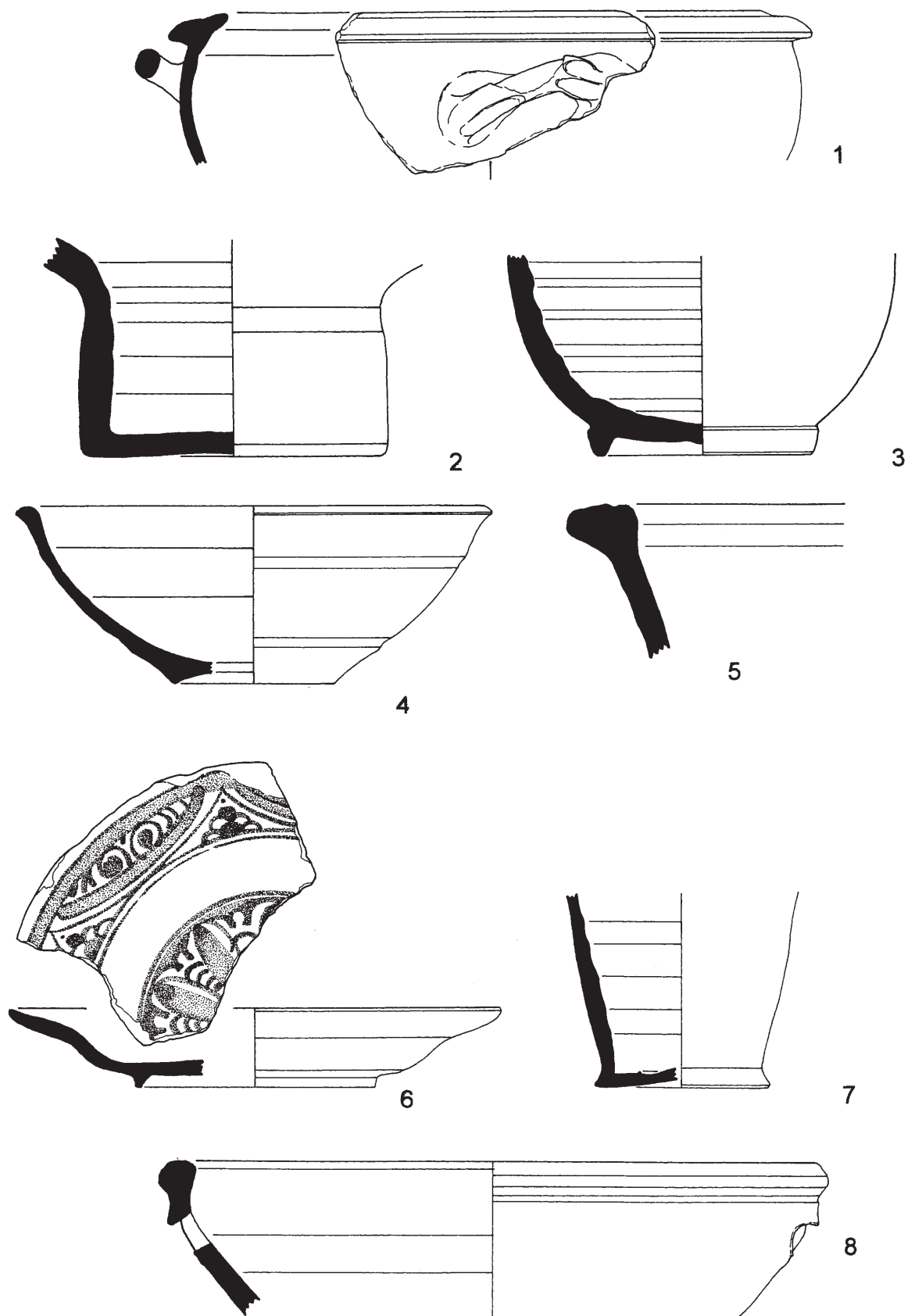
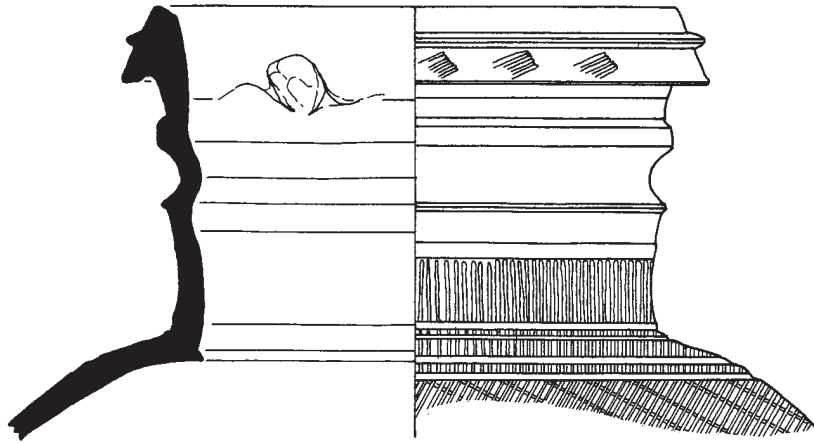
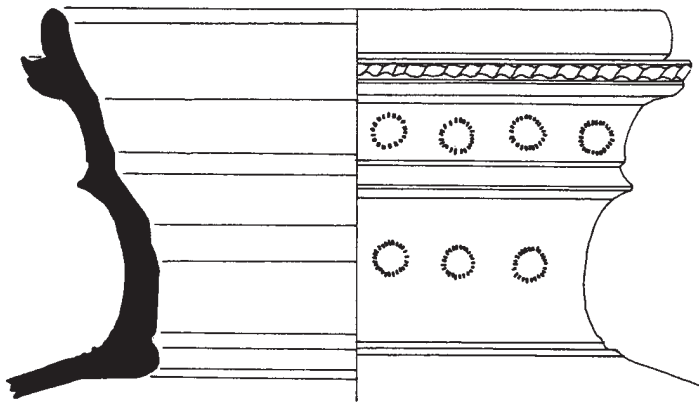


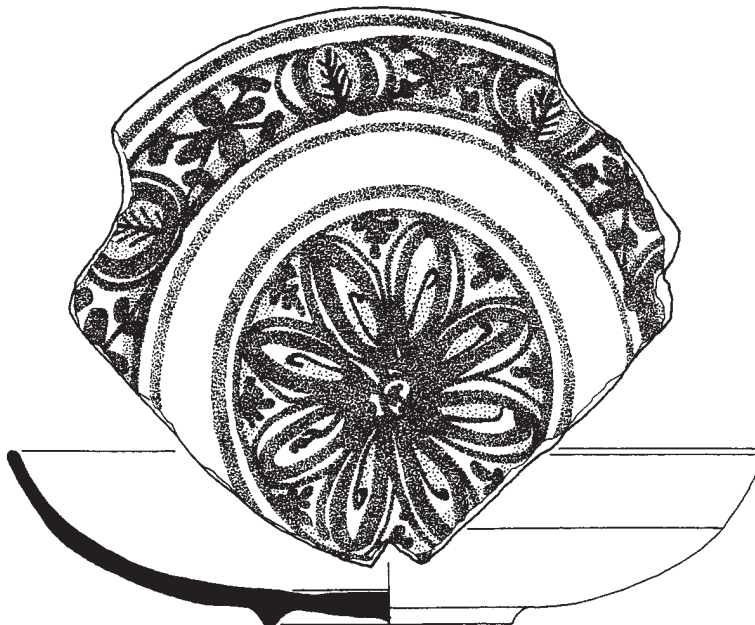
Figura 5 – Espólio 1 a 8



1



2



3

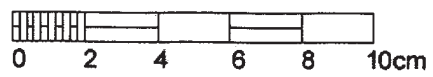


Figura 6 – Espólio 1 a 3

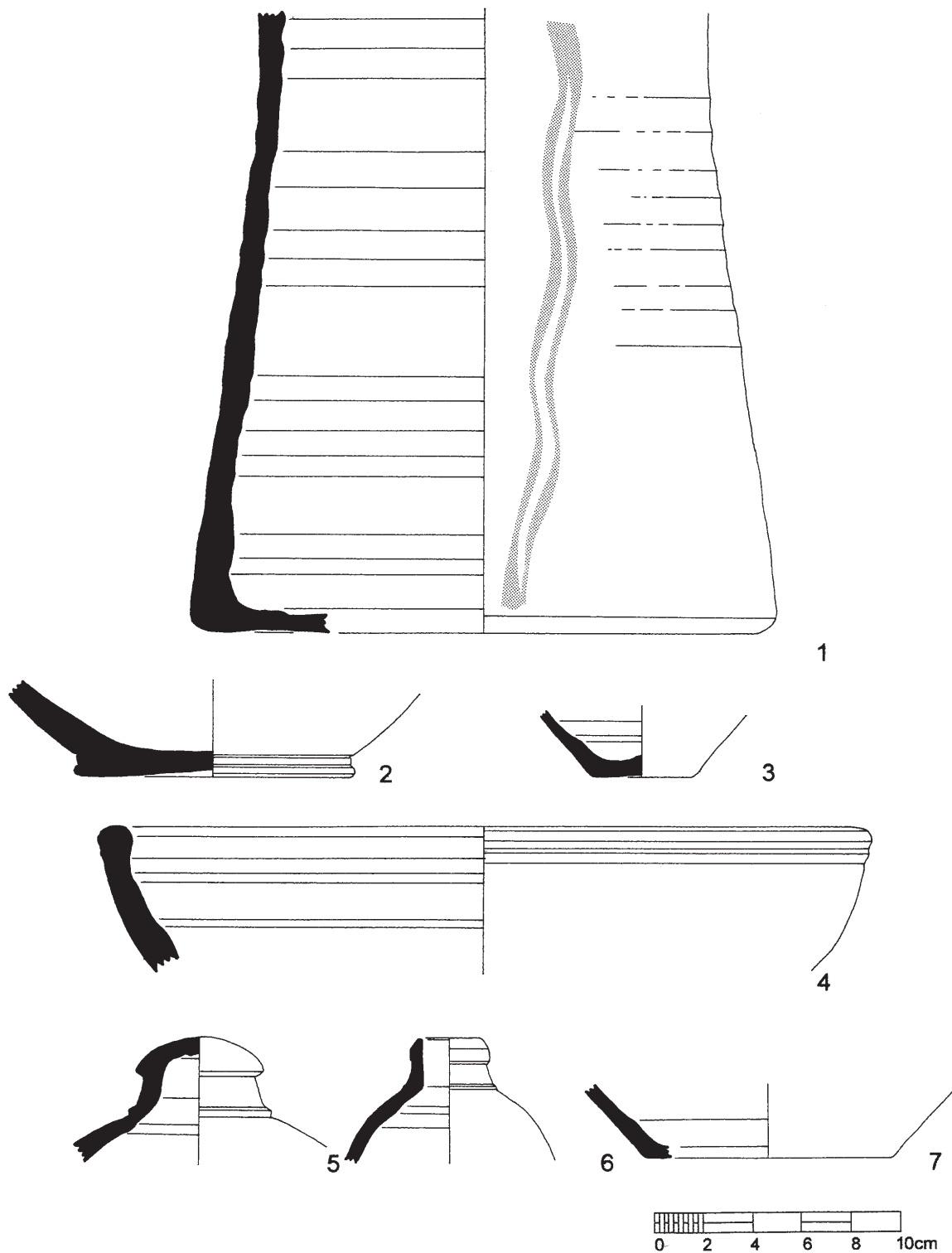


Figura 7- Espólio 1 a 7

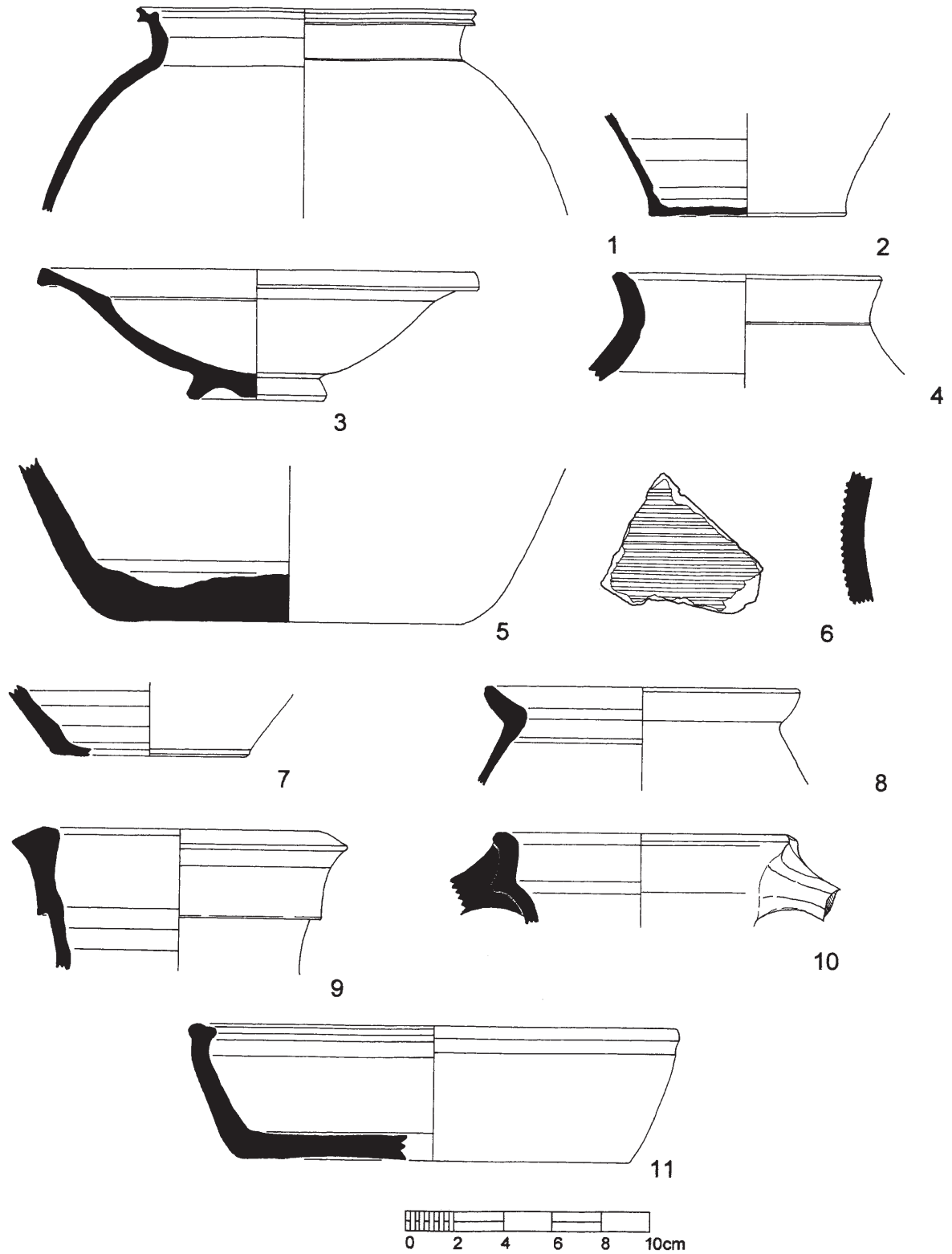


Figura 8 – Espólio 1 a 11